

**UMA POSSÍVEL AFINIDADE ONTOLÓGICA DA POESIA SILÊNCIO
E PALAVRA DE THIAGO DE MELLO COM O CONCEITO DE *LOGOS*
EM HERÁCLITO DE ÉFESO**

José Dalvo Santiago da Cruz¹

Resumo: Este artigo aborda o ontológico na poesia de Thiago de Mello por meio do conceito de *logos* em Heráclito de Éfeso. Tem o propósito de aproximar a poesia à filosofia pré-socrática por entender que ambas tratam em sua imanência da hominização por meio da palavra, do discurso, do verbo; que constrói o ontológico sempre em ambiente de alteridade: mito/inconsciência, história/consciência/filosofia em diferentes epistemes: mítica, filosófica, científica, religiosa, artística. Todas fomentadas pela *aisthesis*, no ambiente de estranhamento que a consciência-em-si faz brotar e imperativa ao hominizado consciente dizer-se em palavras numa espécie de autolapidação. Postula-se que essa tomada de consciência transcende à metafísica, mas ela brota na querência, na *physis*, que edifica o somático em abstração por meio do símbolo e da alegoria, que é o charme da existência numa analogia aos fenômenos da dualidade imanente composta de imaterialidade e matéria num contínuo interpretar de si mesmo numa ontologia holística à semelhança de fractais num mosaico infinito de espécies.

Palavras-Chave: Hominização. Pré-Socrático. Literatura. Modernismo.

**A POSSIBLE ONTOLOGICAL AFFINITY BETWEEN THIAGO DE
MELLO'S POETRY SILENCE AND WORD WITH THE CONCEPT OF 434
LOGOS IN HERACLITUS OF EPHEBUS**

Abstract: This article addresses the ontological in Thiago de Mello's poetry through the concept of *logos* in Heraclitus of Ephesus. Its purpose is to bring poetry closer to pre-Socratic philosophy by understanding that both deal in their immanence with hominization through the word, the discourse, the verb; which always constructs the ontological in an environment of otherness: myth/unconsciousness, history/consciousness/philosophy in different epistemes: mythical, philosophical, scientific, religious, artistic. All fostered by *aisthesis*, in the environment of estrangement that consciousness-in-itself gives rise to and is imperative for the conscious hominid to express himself in words in a kind of self-cutting. It is postulated that this awareness transcends metaphysics, but it arises in homeland, in *physis*, which builds the somatic into abstraction through symbol and allegory, which is the charm of existence in an analogy to the phenomena of immanent duality composed of immateriality and matter in a continuous interpretation of itself in a holistic ontology similar to fractals in an infinite mosaic of species.

Keywords: Hominization. Pre-Socratic. Literature. Modern.

Introdução

¹ Licenciado em filosofia, pós-graduado em antropologia na Amazônia, mestre em educação/currículo e doutor em linguística. Atuou como professor de alfabetização na área indígena Waimiri-Atroari e na Yanomami e, como docente, em disciplinas da área da filosofia, da antropologia social e da linguística em instituições de ensino superior particulares e públicas no Estado do Amazonas: UNINILTON LINS, UNINORTE, Faculdade Santa Teresa, universidade do Estado do Amazonas e universidade federal do Amazonas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1222-9836>. E-mail dalvosantiago@gmail.com

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

Até onde se sabe, antes do século VI antes de Cristo, a existência era interpretada por meio de narrações sobre eventuais acontecimentos pretéritos que moldavam a sociedade na moral e na epistemes pragmática sem a teorização da realidade. Eram pronunciadas em cânticos e poesias na oralidade prevalente, porém, a partir desse período, a escrita alfabética passou a ser desenvolvida e praticada no *boom* do comércio grego na Ásia menor, especificamente na região do mar mediterrâneo, espaço socialmente diversificado étnico-culturalmente, o que fomentou indagações acerca da diversidade mítica entre as culturas fazendo com que se dedicassem ao questionamento, à dúvida e a consequente procura de uma causa da existência: a *arché*, fundamento, que fez brota o *logos*, discurso distinto da narração mítica, composto de paradoxos; afirmação, negação da afirmação e a busca contínua por uma conclusão. Cria-se a filosofia – ou brota – no pensamento questionador naquele ambiente social diversificado de alteridade. A filosofia é filha da cidade, diz Vernant (1992), e mais do que a cidade, o filosofar é ato na alteridade entre mito e *logos*. E, ainda, o ente se hominiza na linguagem, seja ela narração etimológica, seja histórica semântica.

Este artigo aborda uma leitura sobre o ontológico na obra *Silêncio e Palavra* (1951), de Thiago de Mello (1926-2022) por meio do conceito de *logos* na concepção de Heráclito de Éfeso (540-470 a. C.). É uma abordagem bibliográfica interdisciplinar composta da fortuna crítica em Thiago de Mello e da teoria construída sobre o verbo e a ontologia na filosofia de Heráclito de Éfeso. Utiliza-se o artigo *Silêncio, Palavra e Arte Poética* de Álvaro Lins, publicada em 1952 e presente na *Antologia Vento Geral* (1960) composta de obras do Thiago de Mello, além de outros críticos e teóricos da poesia, como Alfredo Bosi e Antonio Candido. O primeiro classifica Thiago na categoria da poesia da tensão social. O segundo considera a produção literária no ambiente social. E para visualizar a concepção de *logos* em Heráclito de Éfeso utiliza-se a produção teórica (interpretativa) de Alexandre Costa (2002) e a explicação consistente de André Laks (2018) acerca da produção filosófica de Heráclito em sua época, além de clássicos a respeito da filosofia pré-socrática, tal como Jean-Pierre Vernant, Marcel Détienne e Diógenes Laércio.

Além desta breve introdução, a abordagem é tecida por uma conceituação polissêmica de *logos* à guisa de Heidegger que chama a atenção para a polissemia no conceito de *logos* usado por diferentes autores, porém, mantido em seu fio condutor a acepção de discurso pelo qual o ente se expressa, se revela e se constitui. A tônica da discussão

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maior - Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|

também traz a noção de estrutura como categoria axiomática emergida da tópica inconsciente para a superfície que constitui a ontologia histórica e social. Em seguida, se contextualiza a postulação heracliteana no período propedêutico da filosofia, época de mudanças em que a narração mítica meio que se dilui no emergir do *logos* questionador que instrumenta a procura à *elétheia* – verdade – pelo ser que se molda e compõe pretensamente histórico, protagonista de sua ação, e não mais sujeito de ações extraterrenas.

A abordagem sobre Thiago de Mello o situa na década de 1950 e no período subsequente mostrando a efervescência composta da mentalidade moderna de um país agrário que se esforça para se tornar urbano moderno. E, especificamente na seara artística, percebe-se certa fricção entre o modernismo e o relativismo cultural. Aquele estritamente estético fomentado ideológica e filosoficamente pelo neokantismo em contrapartida do relativismo cultural estadunidense representado pelo Manifesto Regionalista (1926) idealizado e protagonizado por Gilberto Freyre (1900-1987), orientando no mestrado de Franz Boas (1858-1942), precursor do relativismo cultural na década de 1920.

Como fio norteador teórico, adota-se a perspectiva da produção artística social de Antonio Candido (1918-2017) por considerá-la calcada na realidade sociocultural em contextos étnicos diversificados e, nas considerações finais, conclui-se que a filosofia de Heráclito contribui com a possibilidade de se visualizar a composição ocidental na hominização constituída de homogeneização e diversidade num constante buscar iluminado por um ideal que se mantém em perspectiva, e nunca se realiza no presente do indicativo. É o desejo fomentado no ideal, na quase *alétheia* como se a cortina não se abrisse por completo e deixasse sutis frestas somente para manter o pulso dos entes que se hominizam no processo da alimentação do desejo de se realizar. É a incompletude que entrelaça as espécies numa complementação no próprio dizer ontológico filosófico e poético.

1. Conceito polissêmico de *logos*

A palavra em termo brota no étnico e se reverbera semanticamente na História que dá sustância ao ontológico hominizado composto de ancestralidade e perspectiva num presente indicativo factual polissêmico constituído de memória (inconsciência) e intervenção na estrutura axiomática da existência.

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

O *logos* é polissêmico, diz Heidegger (2005, p. 62) se referindo a diferentes conotações expressas desde os pré-socráticos até a filosofia em Atenas, especificamente, as menções de Platão de Aristóteles, mas não deixa o seu sentido básico de discurso e juízo. O elementar é mantido na imanência da palavra *logos*, que impulsiona a mentalidade ocidental distinta da mentalidade mítica narrativa. O juízo no *logos* entra na nomenclatura peripatética na conotação de juízo pelo motivo óbvio de que, sem negligenciar a importância do livro *Teeteto* de Platão, foi Aristóteles que organizou o discurso por meio do silogismo na lógica formal do raciocínio consciente que é elementarmente forjado no juízo, na prospecção à *alétheia* (desvelamento, verdade), que nega o *léthe* (esquecimento).

O ocidente é criado por meio da busca à verdade através do *logos*, verbo dialético composto de paradoxos, distinto da narração e da descrição de fatos imagetivamente construídos e mantidos no acervo da ancestralidade das ontologias manifestadas em culturas e mantidas nas fricções interétnicas que compõem as fronteiras entre os grupos (étnicos) diferentes. No âmago da ocidentalidade moderna, “o verbo se faz carne” (João 1:14, 17), a palavra substancializa o somático que passa a ser moldado pelo discurso na cultura, na literatura oral e escrita, na ideologia, na crença e na religião, todos em concomitância e justapostos.

437

Sem dúvida, temos hoje a nossa mitologia, tal como nos tempos de Homero, com a diferença apenas de que atualmente não reparamos nela, porque vivemos à sua própria sombra e porque, nós todos, retrocedemos ante a luz meridiana da verdade. Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual (Cassirer, 1992, p. 19).

Mito e *logos* constituem-se na tópica da linguagem, da palavra, do verbo; com suas respectivas funcionalidades no contexto social instituído em sistema, estruturado, portanto, em símbolos na eficácia simbólica, a invocar a categoria de Lévi-Strauss (1993, p. 201). Assim, a hominização se dá – ou se daria – na estrutura linguística emergida da etimologia e adensada semanticamente. E por ser estrutura, a palavra é axiomática e inconsciente que, ao hominizar o ente, o molda à sua maneira por meio da conscientização-de-si para a conscientização-para-si tornando-o sujeito de sua palavra no contexto social

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

composto basicamente de cultura, ideologia e crença. Assim a etimologia é estrutura e a semântica é história.

2. Contextualização sócio-histórica de Heráclito de Éfeso

Heráclito viveu na cidade de Éfeso na região do mar Egeu de tradição jônica. Heráclito teria vivido sua plenitude “en la Olimpiada sesenta y nueve, 504-501 a. C.” (Laércio, 2007, p. 448). Porém, Alexandre Costa (2002, p. 16) chama a atenção de que o biógrafo Diógenes Laércio “nasceu pelo menos 700 anos após Heráclito, relatando o que já era fruto das impressões transmitidas oral e graficamente através dos séculos: o biógrafo recebe mitos e são mitos o que ele repassa”.

Antes do *logos*, havia – como ainda há – o mito narrado despreziosamente confortando o racional consciente em manifestações do inconsciente, pois segundo Lévi-Strauss (1993, p. 34): “(...) a história organiza seus dados em relação às conscientes e a etnologia em relação às condições inconscientes da vida social”. O *logos* inaugura a racionalidade consciente que intervém na *physis* porque até então ela era somente interpretada e, com o *logos* composto de paradoxos, a hominização se edifica em fricções com a natureza, querência de mistérios, que fomenta a busca humana pela *alétheia* (verdade).

No entanto, faz-se necessário dizer que o século sexto antes de Cristo é uma época de transição na qual ainda se vivia a prática poética não percebida por conta da densa nuvem estruturante na tópica inconsciente que se deixa penetrar pela onda racional consciente, tal como mencionada acima por meio da citação de Lévi-Strauss que converge com Mircea Eliade (1972) ao divergir da concepção de mito estudado no século XIX como ficção, fábula – o que é usual ainda hoje no século XXI - mas com ênfase em sua diferença da acepção erudita promovida a partir da primeira metade século XX por filólogos, filósofos, antropólogos, historiadores e sociólogos; pois o mito permanece na mentalidade ocidental moderna, embora não seja percebido, afinal de contas o padre repete as mesmas palavras nas missas diárias há vinte e um séculos. O ritual é mítico transversal na linearidade cronológica, pulso ontológico moderno, pois “Não é, portanto, sem fundamento haver o que dizer sobre o Heráclito mítico do que sobre o histórico”, diz Alexandre Costa (2002, p. 16-17) se referindo

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

à época de transição de pensamento enfatizada na tópica do pensamento de Heráclito de Éfeso porque é nessa conjuntura que emerge a filosofia naturalista e a racionalidade mítica é uma espécie de simbolização da natureza no processo de hominização em que o racional se infiltra na *physis* obtendo como resultado contínuo e confortante germinações de significados à existência por meio do mimetismo e do totemismo. O mito formata esse processo e alimenta a estrutura social na moral que se dinamiza no ideal descrito e narrado nos acontecimentos pretéritos idealmente emergidos da ancestralidade que, por sua vez, se perpetua alimentando a perspectiva.

O mito mantém o hominizado na querência e o faz reverberar em símbolos, a função da ideia com a realidade concreta. E assim, consta que Heráclito de Éfeso intitulou o seu único livro *Περὶ Φύσης* - Acerca da natureza – o que pode significar a ontologia da época, a denominação dos primeiros filósofos: naturalistas que procuraram a causa fundamental da existência (*Αρχαία*) na natureza, daí também o processo de homogeneização, uma das características da mentalidade ocidental: a dialética entre o centralizador e a diversidade, a nação composta de elementos de uma mesma matriz, o Estado que institucionaliza comportamentos homogeneizados entre os distintos.

439

Nesse ínterim, vale evocar André Laks (2018) que esclarece a nomenclatura de pré-socrático veiculada à temática dos primeiros filósofos circunscrita na natureza, *Φύση*, e não à periodização que antecedeu a Sócrates. Esse aspecto é importante na convenção da classificação filosófica porque dá aos filósofos do século VI antes de Cristo uma conotação de seu conteúdo centrado na relação racional consciente com a natureza numa espécie de correlação ao mesmo tempo em que se extrai dela tornando-a um dos componentes que compõem a alteridade. É uma observação que ajuda a compreender, inclusive, o que depois a antropologia social construiu conceitualmente como cultura e a filosofia a manteve como ontologia.

A literatura acerca de Heráclito de Éfeso consta de fragmentos que demonstram a relação próxima ou mesmo a concepção de ser pensante na natureza, pois, além do título de seu livro, fragmentos atestam a afirmação dita acima, a exemplo da clássica doxografia feita por de Hermann Diels e Walter Kranz – DK. Alexandre Costa (2002, p. 20) diz que “Segundo

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

diversas fontes, Heráclito teria nomeado seu livro de Acerca da Natureza, tal como se intitulavam praticamente todas as obras filosóficas do mesmo período”.

Ou seja, nas observações de conteúdos atribuídos à autoria de Heráclito e suas respectivas teorias, o século VI antes de Cristo demonstra ser epistemologicamente construído de uma mescla de pensamento mítico ainda inserido na natureza com o pensamento dialético incipiente na perspectiva da construção do sujeito de história factual consciente em sua circunstância e contingência, haja vista o que vem a ocorrer no século seguinte em Atenas na época de Sócrates do debate na ágora na construção da democracia criada na diversidade, na alteridade composta de gregos e de não gregos definidos na Paideia que substancializava o helenismo.

3. Tempo e debate dos anos 1950 de Thiago de Mello

Thiago de Mello nasceu na cidade interiorana de barreirinha, na região do médio rio Amazonas. Foi estudar medicina no Rio de Janeiro, curso que abandonou para se dedicar integralmente à literatura. Em 1951 publicou o livro Silêncio e Palavra, objeto deste artigo por conter na imanência poética vieses ontológicos afins com o logos de Heráclito de Éfeso, tom percebido já em 1952 por Álvaro Lins em que diz “(...) dada a sua capacidade para alçar-se aos planos da meditação de feitio filosófico”.

Alfredo Bosi (2015, p. 348) chama de “geração de 45” ao grupo poético a que pertenceu Thiago de Mello “herdeiros maduros da experiência formal simbolista que reproduziu no meio literário brasileiro um problema básico: o da concepção de poesia como arte da palavra”. E a arte provém da *aisthesis* que lateja o estranhamento do inconsciente que emerge da memória à consciência na facticidade existencial (histórica) na superfície da ontologia holística transpondo o hominizado para um gerúndio contínuo moldado na edificação do ideal, da perspectiva, pois “A couraça das palavras protege nosso silêncio e esconde aquilo que somos” (Mello, 1951).

Ao procurar a *arché*, a filosofia pré-socrática inaugura a ocidentalidade na perspectiva da unidade. Imerge a pluralidade mitológica em nome da procura de uma verdade única. Substitui intencionalmente a mitologia pelo *logos*, que aplica o monoteísmo no lugar do

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maior - Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|

politeísmo. E essa movimentação de ofuscamento da diversidade compõe e acompanha o processo de adensamento da ocidentalidade, sobretudo, a partir do humanismo no século XIV, que significa na convenção histórica o preâmbulo da modernidade, na renascença no século XVI; modernidade que demonstra conteúdo agregado ao modelo criado pelos pré-socráticos no século VI antes da Era cristã. Ou seja, dá a impressão de que o *genes* pré-socrático se infiltra, adere e reverbera no tecido da humanidade ocidental em suas distintas versões ontológicas, pois apesar de sofrer transformações em decorrência das circunstâncias e contingências, o âmago imanente continua latejante nessa ontologia secular composta de ancestralidade e inovações contínuas.

Nas décadas de 1950 e 60, Thiago de Mello vive no Rio de Janeiro, um dos centros urbanos da modernidade brasileira que sai da agricultura e migra para a indústria de manufatura, teoricamente, se encontra em transição do positivismo linear evolucionista para o relativismo cultural, detalhe importante nessa abordagem porque demonstra a mudança de perspectiva na seara artística entrelaçada com a teoria social adensada à época com o avanço da antropologia social e etnologia indígena, o que remete à Semana de Artes de 1922 contrapontuada pelo Manifesto Regionalista liderado por Gilberto Freyre, em Recife, em 1926.

A composição poética esculpe-se basicamente em dois caracteres: a forma e o tema. A métrica e o ritmo. O verso que compõe a estrofe e movimenta as palavras em seus sentidos numa musicalidade entrosada com a temática na época social do poeta, que é sujeito coletivo de seu entourage sociocultural composto de ideologia, crenças e estética, em seu sentido etimológico. Assim, pra Álvaro Lins (1952), a geração de Thiago de Mello inverteu o processo poético com relação à geração poética anterior de Mario de Andrade, a de 1922, que partia da riqueza interior para a forma enquanto que a Nova Geração Poética de 1950 primeiro lapidava a forma e interiorizava-se na substância temática. Vale lembrar que nessa época o movimento *Nouveau Roman* se destaca na França em divergência ao romance clássico numa atenção especial à forma e ao enredo da obra.

A obra de arte imana na subjetividade contextualizada na estrutura social que, além de ser cultural, ela também é étnica, política e econômica institucionalmente em concomitância. O modernismo que eclode em fevereiro de 1922 é contextualizado numa

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

mudança formal e do império para a república sem mudar suas práticas provincianas em que a elite política e econômica continua agregada à política neoliberal às avessas na batuta do sistema de capitânicas hereditárias do século XVI. As artes são provindas da metrópole, Hector Villa-Lobos traz as *Bachianas* da Europa até no neologismo, porém, em sua essência, original e genial. O apelo, a percepção ou a infiltração do artístico no tropical natural pode ser uma característica, mas não o suficiente para amenizar o afã de racionalidade cartesiano presente no positivismo republicano da época.

4. Viés ontológico na poesia Silêncio e Palavra à guisa do *logos* de Heráclito

No fragmento I, Heráclito diz “Ouvindo não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar ser tudo-um”. E na poesia Silêncio e Palavra, em análise aqui, Thiago de Mello prospecta à *guisa* ontológica moderna que (assim) “Como são ondas e mar, seremos palavra e homem”, numa confluência na filosofia ontológica – ou metafísica – de Martin Heidegger (2005, p. 62): “O *logos* deixa e faz ver aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre e para todos aqueles que discursam uns com os outros”. Ou seja, na concepção heideggeriana, o *logos* é um canal pelo qual o racional consciente percebe a realidade, a *létheia*. Heráclito se refere à unidade numa dimensão subjacente e Thiago de Mello, a faz numa perspectiva porque, por entanto, no presente ainda são – ou estão – separados: homem e palavra, pois “A referida passagem começa com ‘desse *logos*, sendo sempre’. Daqui, retiram-se dois importantes aspectos: o *logos* é sempre e o *logos* é sendo” (Costa, 2002, p. 224-225).

A ontologia holística em Heráclito também tem afinidade com a poesia Silêncio e Palavra na aceção da natureza como sendo a *alétheia* num contínuo, a se considerar o que diz Alexandre Costa (2002, p. 225-226):

O efésio assume então a homologia e desde essa concordância e sabedoria pretende distinguir “cada coisa segundo a natureza”, “enunciando como se comporta”. Essa proximidade entre “segundo a natureza” e comportamento não pode ser perdida de vista: ela atesta, por um lado, o íntimo parentesco entre *physis* e o *logos* e, por outro, testemunha que a *physis* revela o comportamento das coisas, o seu modo de ser. Através desse “segundo a natureza”, Heráclito dá notícia mais uma vez do liame entre ser e *logos*.

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

O *logos* é polissêmico circunscrito no ontológico que se pronuncia por meio da expressão linguística. A hominização se processa por meio do verbo. O significado – o sentido – à existência se dá por meio da palavra. E a poesia é a instância em sentido de querência ontológica de onde o hominizado brota, seja em narração, seja em história no sentido dialético.

Desse *logos*, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo esse *logos*, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nestas palavras e ações, tais quais eu suponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e anunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados como esquecem o que fazem dormindo (Heráclito, Fragmento II).

É no *logos* que se hominiza porque “todas as coisas vêm a ser segundo esse *logos*”. Aos homens cabe ouvi-lo, o *logos*. Mas há os que não o ouçam. Esses permanecem como se estivessem dormindo. Ainda, não se lembram de como viveram enquanto dormiam. E a expressão constante, às vezes em elipse, do gerúndio contínuo na postulação de Heráclito. É as realidades provêm da natureza. E é sábio ouvir ao *logos*, pois se “Não sabem ouvir, não sabem falar”. O *logos* delinea em forma e substância a hominização.

Por sua vez, Thiago de Mello, entoa no pensamento de Heráclito ao dizer que:

A couraça das palavras
Protege o nosso silêncio
E esconde aquilo que somos

Que importa falarmos tanto?
Apenas repetiremos.

A fala é a fonética que se substancializa em dizer nos traços distintivos que compõem a dualidade significado/significante. Transforma a natureza em cultura, que

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maior - Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|---------------------|--------------|

substancializa a ontologia e dá sentido à existência por meio do animismo totêmico. É a relação intrínseca do racional consciente no *dasein*, na sua constatação existencial, com o latejar de mensagens emergidas da memória que é coletiva e compõe o ontológico social. “Apenas repetiremos”, diz Thiago de Mello, porque o falar desprovido de dizer é somente fonético sem fonologia, é enunciado sem *logos*, significante sem significado: “Conjunção: completas e não-completas, convergente e divergente, consoante e dissonante, e de todas as um e de um todas as coisas” (Heráclito, fragmento XXI).

A harmonia na rima poética transcende a convenção do vernáculo por meio da metáfora porque os traços mínimos fonológicos que dão sentido à palavra independem do racional consciente, embora na visão moderna, o neologismo seja obra da facticidade histórica, derivada da *arché*, “Transformação do fogo: primeiro, mar; do mar, metade terra, metade ardência. O mar distende-se e mede-se no mesmo *logos*, tal como era antes de se tornar terra” (Heráclito, fragmento XXVIII).

“E como são ondas e mar, seremos palavra e homem” (Mello, 1952). O mar é ente comum em Heráclito e Thiago de Mello. É o ente a que se refere como unidade e de onde proveio a existência. O sintagma palavra precede ao homem, no verso de Thiago de Mello. “Primeiro o mar”, diz Heráclito. Lévi-Strauss (1993) chama a atenção para a construção totêmica inserida na relação da racionalidade humana com a natureza que, diante dela, se brota em metáforas interiorizadas no animismo totêmico.

Mar e fogo são seres em movimento: “Homme libre, toujours tu chériras la mer! La mer est ton miroir; tu contemples ton âme/Dans le déroulement infini de sa lame/Et ton esprit n’en pas un gouffre moins amer” (Baudelaire, 1957). O mar remete o racional à eternidade, à dimensão una e dinâmica ao se deparar com a sua condição de ser finito. A filosofia o coloca nessa tópica e a poesia o faz experimentar ontologicamente a transcendência da finitude por meio de processos metafóricos num contínuo ideal que movimenta o desejo do ser latejante de carência e vontade, pois “Pela analogia, o discurso recupera, no corpo da fala, o sabor da imagem. A analogia é responsável pelo peso da matéria que dão ao poema as metáforas e as demais figuras” (Bosi, 1977, p. 23).

O tempo na poesia não é cronometrado, ele é situado na circunstância e condicionado na contingência do próprio ser que semanticamente se hominiza. Heráclito em

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

sua circunstância de mudança de paradigma epistemológico. Thiago de Mello não menos sujeito em uma sociedade dinamizada ideologicamente na batuta positivista e enfrentada factualmente pela diversidade étnico-cultural teoricamente demonstrada pelas ciências sociais que se adensavam no Brasil herdeiro da geração que fundou a USP em 1935 e deu ênfase à brasilidade como categoria sociológica.

Na convenção filosófica, ontologia circunscreve-se na metafísica em seu sentido etimológico e semântico do estudo do ser. Nesta abordagem o ser é construído historicamente em sua circunstância social numa espécie de estrutura da conjuntura, para tomar emprestada a categoria antropológica de Marshall Sahlins (2003) que conota o contexto em ancestralidade/cultura/estrutura em dualidade com o fator histórico que age intervindo no axioma posto pela tradição. Vale lembrar que a modernidade se edifica no contraponto à mentalidade medieval. A história é ato de alteridade alimentada pela ideologia que fomenta a disputa pela hegemonia de poder.

No A origem da obra de Arte, Martin Heidegger (s/d, p. 16) diz que “Alegoria e símbolo fornecem o enquadramento em cuja perspectiva se move desde há muito a caracterização da obra de arte”. Ora, ambas as categorias citadas pelo autor alemão, alegoria e símbolo remetem à conjunção do concreto com o abstrato, pois a alegoria representa o ausente e o símbolo une o concreto na ideia, ambas em dualidade e justapostas. A obra de arte se constrói na pulsão circunstancial do autor que expressa a sua época e lugar, compostos de significados baseados em significantes.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi a de promover uma pretensa interlocução da poesia de Thiago de Mello da década de 1950 com a filosofia pré-socrática de Heráclito de Éfeso no século VI antes de Cristo por meio da fortuna crítica produzida a respeito do primeiro e da teoria filosófica construída em torno do segundo numa empreitada de dizer que à época de Heráclito a poesia ainda se fazia presente inclusive no incipiente pensamento dialético que nascia – ou era criado – advindo da oralidade poética em que a narração bastava na mentalidade daquele momento e que perdura na contínua hominização ocidental moderna contemporânea, assim como também se percebe em processos de hominização em outras

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

ontologias não ocidentais, a exemplo das autóctones amazônicas registradas na literatura etnográfica.

O filósofo e o poeta expressam a sua época, são pensantes e experimentam suas circunstâncias encravadas na contingência (histórica). Heráclito em Éfeso, na Grécia arcaica, predicativo derivado de *arché*: fundamento da substância existencial, no caso, a ocidentalidade; e Thiago de Mello oriundo da floresta amazônica, topônimo de origem grega. A mentalidade grega parece reverberar em ondas ontológicas a alimentar a ocidentalidade em suas várias vertentes e versões. Filosofar é agir com a palavra na História, à *guisa* hegeliana da Minerva que observa durante a noite e guarda na memória o que interiorizou ao longo da vigília. Seu chirriar anuncia acontecimentos merecedores de cuidado, tal como a existência, que se equilibra no presente do indicativo imperceptível porque fomentado pela memória e alimentado pela perspectiva.

Embora não se tenha usado à exaustão a contribuição da teoria crítica de Antonio Candido o texto teve em sua subjacência em elipse a noção de que a formação literária brasileira se faz de fora pra dentro, o que significa uma contextualização sociocultural e política da autoria em sua época. Esse detalhe é importante porque se visualiza o Brasil como sociedade *sui generis*, como definiu Darcy Ribeiro no O Povo Brasileiro (1995) por ser uma sociedade construída sob a égide moderna, porém, em concomitância e contraste com as ontologias indígenas e africanas que nessa sociedade também compõem em tom de relevo, a se verificar o sincretismo religioso e o próprio movimento artístico modernista de 1922 que se investe numa interiorização em contraponto à modernidade europeia.

Nessa esteira, Heráclito de Éfeso também este num ambiente étnico-cultural diversificado, com a diferença de que à época dele ainda não havia mentalidade ocidental porque foi a partir daquele século que a racionalidade consciente começou a se relacionar sistematicamente com a tópica inconsciente, fato interessante porque a memória enquanto dimensão do inconsciente já era tratada na prática mítica e na própria alteridade do ato da filosofia contraposta à narração mítica no ato da procura pela verdade, que legou ao ser hominizado o predicativo de buscador em decorrência de sua tomada de consciência-de-si numa subjetividade contínua e, ao que parece, ela é infinita.

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio - Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

O modernismo brasileiro no contexto da modernidade de Thiago de Mello enaltece uma literatura original e, talvez, sem querer, aproxima um fazer poético amazônico de tal monta ontológica capaz de se visualizar aproximação conceitual ontológica do silêncio que palpita e lateja a consciência do ser pensante que se hominiza numa encruzilhada de pensamentos densos que o leva a infiltrar no afago da palavra numa espécie de morada onde o ser lateja e pulsa ao compasso da descoberta do outro pensar que não vem mais do interior porque a facticidade histórica impõe o processo inverso.

Assim, postula-se que o *logos* é o instrumento pelo qual a hominização criou o ocidente e o Brasil é fruto da época do adensamento da ocidentalidade chamado de modernidade edificada nos trópicos brasileiros como maneira de tornar o outro numa espécie de mesmo desigual. Ou seja, a modernidade no Brasil se deparou com a resistência étnica dos povos autóctones forçando outros processos de civilizações, porém, não menos violentos, mas muito fecundos e robustos do ponto de vista filosófico porque demonstra o quando a ancestralidade resiste à intervenção protagonizada pelo outro que chega ao lugar nativo.

E o lugar do nativo é a querência de onde brotam seres que se hominizam em suas respectivas anatomias e fisiologias numa dialética funcional para fomentar o ontológico holístico. Na forma, Thiago de Mello se adequou na poesia modernista e inovou no tema da natureza com a filosofia num contexto em que os paradigmas sociais e políticos se diziam mudar sem adotar novas práticas: a política oligárquica fundiária que se viu ameaçada pela industrialização moderna. A poesia não está alheia a essa realidade porque o poeta se faz poeta na alteridade da ancestralidade memorial com a ânsia de intervenção na estrutura axiomática natural. A existência é irreversível e resta ao racional consciente se construir socialmente buscando um ideal moldado na moral advinda de pretéritos desconhecidos.

Heráclito de Éfeso é dos precursores da ocidentalidade que nasceu – ou foi criada – na procura pela verdade. Thiago de Mello experimentou uma face da ocidentalidade em que retoma a poesia – aquela que precedeu à filosofia em Homero e em Hesíodo – numa sociedade movida por brisas inovadoras reprimidas ideologicamente pelo arcaico fundiário brasileiro, criado e construído na batuta da estratificação social que reverbera na desigualdade nas classes sociais numa diversidade étnico-cultural legalmente reconhecida, mas alhures da

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio – Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|

interculturalidade na qual, em conceito ético (ideal), os diferentes conviveriam em equidade numa urbanidade almejada no protótipo da civilização ideal.

Mas enquanto a paz perpétua não se efetiva, restam poetas e filósofos postularem acerca da existência enquanto querência onde a tomada de consciência hominiza o racional à medida de sua capacidade de se substancializar e moldar à medida no razoável.

Referências

BAUDELAIRE, C. **L’homme et la mer**. In. *Les fleurs du mal*. Paris: Éditions Garnier Frères, 1957.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

DETIENNE, M. **Mestres da verdade na Grécia arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo – Parte I**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LAÉRCIO, D. **Vida y Opiniones de los Filósofos Ilustres**. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

LAKS, A. **The concept of Presocratic Philosophy: Its origin, development, and significance**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2018.

LEBEDEV, A. V. **The logos of Heraclitus: A Reconstruction of his Word and Thought (with critical edition of the fragments)**. Sankt Peterburg: Nauka Publishing House, 2014.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LINS, A. **Silêncio, Palavra e Arte Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

MELLO, T. **Vento Geral**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2003.

UMA POSSÍVEL AFINIDADE ONTOLÓGICA DA POESIA SILÊNCIO...

José Dalvo Santiago da Cruz

VERNAT, J. P. **As origens do pensamento grego.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

449

| | | | | |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|
| <i>Revista Dialectus</i> | Ano 13 | n. 33 | Maio - Agosto 2024 | p. 434 - 449 |
|--------------------------|--------|-------|--------------------|--------------|